

# REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA ---- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil . . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa. Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Conçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Felisbello Freire. — II O padre Antonio Vieira e o poeta Gregorio de Mattos, por Sylvio Romero. — III A Nova Escola de Direito Criminal, por Arthur Orlando. — IV Uma noite histórica, de Raúl Pompeá. — V Da educação, por Herbert Spencer. — VI Bibliographia Brazileira. — Catalogo alphabeticó das publicações brasileiras.

## O Dr. Felisbello Freire

A redacção da *Revista Sul-Americana* congratula-se com os seus leitores pelo acto de acertado patriotismo do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, nomeando o Dr. Felisbello Freire Governador do Estado de Sergipe.

Como sabem os leitores, o Dr. Felisbello foi e é ainda um dos nossos collegas de redacção da *Revista*, a que prestou, e, esperamos, continuará a prestar o insubstituível concurso da sua intelligencia esclarecida e dos seus dotes de espirito.

Celebramos aqui o facto, que marca um dos nossos triumphos na ardua, ainda que curta carreira, da nossa vida.

A *Revista Sul-Americana* pelos orgãos de Sylvio Romero, João Ribeiro e Felisbello sempre se revelou republicana, federalista, e sel-o-ha sempre, não tendo necessidade de prestar superflua adhesão ao

regimen sob que felizmente desde 15 de novembro vivemos.

E', porém, natural que sintamos verdadeiro orgulho á ser distinguido pelo governo, o nosso collega, cujo nome aliás se impunha á attenção do governo.

Para aqui transcrevemos os doux artigos que sobre a individualidade de Felisbello Freire apareceram no antigo orgão republicano, a *Cidade do Rio*, tão conhecida e apreciada no paiz.

X

O ministerio pediu á imprensa sugestões e informes.

Havia uma província onde melhor funcionou a machina eleitoral do antigo regimen.

Se se apurava a sabedoria popular, canalizadas as direcções da rhetorica local, tudo affluia para um resultado ultimo, in-

carnado, *verbi gratia*, na pessoa do barão da Estancia.

E, nessa província, cançada como Jehovah, no setimo dia da criação, de taciturnos Demosthenes e de melancolicos Ciceros silenciosos, havia a industria do voto irmanada á dos tamancos, ambas a baixo preço, ambas adaptadas ás lamas do atoleiro, ambas á situação commovente de cousas suppedaneas.

Foi por um tempo desses que surgiu Felisbello Freire, com a actividade passmosa de um apostolo, com a energia cava-lheirosa de um convencido do triumpho final, e começou a fazer a propaganda republicana.

A abolição trouxe-lhe uma nova era, um momento favorável de assalto.

Desde logo, da imprensa, onde Felisbello, de clava, antes que de penna, abatia os adversarios, passou a organizar definitivamente os Clubs republicanos da província em numero de tres, a fóra as adhesões esporadicadas por todo o territorio e que por espaçadas, não se podiam sugeitar á restrição topographica de nucleos.

Felisbello Freire, foi o presidente do Conselho Federal do partido. Cartas particulares de Saldanha Marinho e Silveira Lobo, animaram-no á conquista moral da província.

Teve de lutar e conseguiu extinguir a funebre *Guarda Negra*; creou escolas de libertos á expensas do partido. Sob o ministerio compressivo e immoral do visconde de Ouro-Preto, conseguiu, no distrito da capital, para um candidato illustre, 84 votos republicanos na celebre luta eleitoral de 31 de agosto.

Era, pois, este o homem que organizou o partido republicano de Sergipe e presidiu-o, desde a adversidade: foi quem fez-o pela primeira vez pleitear com sucesso as eleições ultimas, sob o Sr de Ouro-Preto; e, pela prioridade na luta, pela energia comprovada pelos resultados obtidos, é o unico sobre o qual recahiram as espontaneas sympathias da mocidade sergipana que faz parte do exercito libertador.

Nesse momento em que o *mare-magnum* da Revolução podé ser aqui e alli turvado pelos pescadores do antigo regimen, é bom

fazer o registro sincero da historia, e dar ao publico o depoimento de uma testemunha dos factos.

O Governo provisório, sabiamente inspirado, acaba de nomear o heróe sergipano, para o cargo de Governador do Estado. Viva a Republica!

JOÃO RIBEIRO.

### O Dr. Felisbello Freire

O actual governador de Sergipe, o Dr. Felisbello Freire, allia aos seus talentos politicos, as qualidades raras de polemista e escriptor de merito.

Foi um dos redactores mais brilhantes da *Revista Sul-Americana* do Rio de Janeiro, e, no Estado que vae governar, successivamente escreveu, como chefe de redacção, no *Horizonte*, *Laranjeirense* e no *Republicano*, folha fundada pelos seus esforços para combater a politica monarchica.

Formidável e temido dumamente pela honestidade do carácter e pelo poder fulminante de sua penna, aggreuiou, em torno de si, os elementos sãos e novíssimos da geração sergipana, ainda não contaminados pelos habitos corruptores da antiga chicana.

Espirito laborioso, forte, organizado para receber inúmeros ataques dos adversarios espantosamente abundantes e fecundissimos como todos os micròbios de podridão, no meio de todas as lutas lembrou-se um dia de restituir á verdade a historia da miseranda província, escrevèl-a como devia ser escripta, com a collaboração do documento, do arquivo e de todas as modalidades do depoimento e da pesquisa.

A sua primeira memoria foi para logo inserta na *Revista do Instituto Historico*, do Rio, e para aquella associação, sem que o solicitasse, foi o seu nome proposto por tres dos mais conspicuos e notaveis membros daquelle Instituto.

Aos que estudam com profundez a historia pátria, parecerá talvez que a historia parcial de Sergipe tenha pequena importancia. Evidente. A ella se pren-

dem varios problemas da nossa historia geral, como sejam : a localisacão da familia do Caramurú, a questão das *minas de prata*, e a averiguacão do primeiro movimento autonomico do Brazil, pois de 1652 a 1696 Sergipe constituiu-se independente, sob um governo provisorio, e com a forma de « *republica* » como attestam textualmente papeis do governo central.

Trabalhos taes que reclamam habilidade e talentos especiaes de investigação, bem demonstram o caracter elevantado do illustre politico. Não sómente na historia, mas no proprio terreno da sciencia, Felisbelo Freire, na imprensa e em conferencias, fez uma propaganda activissima sobre a vulgarisacão das idéas *monisticas* da escola transformista, com o ardor e tambem com os exageros que não applaudimos das theorias de Haeckel.

Todos esses labores eram simultaneos e igualmente opulentados da mesma seiva de convicção. Nenhum Estado, pois, tem como Sergipe, a obrigação de ser grato ao Governo provisorio, que aceitou a acclamação popular do nome de Felisbelo.

O regimen novo seria um triumpho inglorio, se não soubesse colher as dedicações civicas no mesmo campo onde predominava a flora do joio, da inninha e parasitaria.

A' Republica, como processo de purificação, cabe a eliminação de todas as impurezas do ambiente, agora evidenciadas a olhos nus, pela intempestiva e luminosa ascenção do novo sol da liberdade.

Assim deve ser a verdadeira revolução nacional e patriotica; a conquista do coração generoso sobre a fome canina, a victoria do thorax sobre o baixo-ventre. A patria não é uma collectanea de barrigas, não é uma communhão de tripas.

A patria é a grande confraternisacão dos dedicados e dos heróes animados agora ao sopro omnipotente da Revolução.

HERMANN.

(Extraido da *Cidade de Rio*.)

## O padre Antonio Vieira e o poeta

### Gregorio de Mattos (1)

Estamos ainda no seculo XVII; depois dos heróes do patriotismo e da guerra, vejamos passar os heróes do talento e das letras. Não podemos representalos mais notaveis do que no padre *Antonio Vieira* e no poeta *Gregorio de Mattos*, talvez as duas maiores intelligencias que têm fulgurado no Brazil.

Estas duas figuras gigantescas servem para provar o vigor que então já tinha o desenvolvimento da nossa patria.

Diferentes em sua carreira, diversos nos seus destinos, mostram elles, contudo, muitos pontos de contacto na indole do talento e na do caracter. Vieira nasceu em Portugal, mas educara-se no Brazil; era um filho do collegio da Bahia.

Passou de sua longa existencia de nonagenario a maior porção n'esta terra; trabalhou e soffreu por nosso amor.

E' um dos nossos pelo destino, pelos accidentes da vida; elle mesmo dizia: « *Pelo segundo nascimento devo ao Brazil as obrigações de patria.* » Gregorio de Mattos era natural do Brazil; mas educara-se em Portugal; era um filho da universidade de Coimbra. Justamente o inverso de seu illustre contemporaneo. Não ficou, porém, na metrópole estranho á nossa vida; voltou á patria e foi um agente social por meio da satyra. Vieira também o foi e pelo mesmo meio; o que um fazia nos versos o outro praticava nos sermões.

Tal é principalmente o traço que approxima os caracteres d'estes dois homens.

O padre Antonio Vieira nasceu em 1608 em Lisboa.

Era ainda menino, quando em 1615 sua familia transportou-se para a Bahia, onde seu pai veio exercer um cargo da adminis-

(1) Este artigo é um capítulo de uma pequena história do Brazil destinada as aulas primarias.

tração, e onde nasceram alguns de seus irmãos. Ali estudou as humanidades em aulas regidas pelos Jesuitas, em cujo collegio acolheu-se definitivamente em 1625, fugindo da casa paterna. Tinha então quinze annos de idade, e embalde os pais o aconselharam em contrario. Professou pouco depois. Fez estudos brilliantissimos, e entre seus mestres contava-se o padre Fernão Cardim, uma notabilidade da Ordem. Estudou linguas brazilicas e africanas no intuito de converter selvagens d'estas raças.

Taes designios não foram senão limitadamente levados por diante, porque a carreira do pulpito e a da politica começaram a absorvel-o muito cedo.

A primeira phase de sua vida no Brazil que se estende de 1615 a 1641, distingue-se especialmente por sua provada paixão pelas letras. A eloquencia, a historia eclesiastica, a theologia e a philosophia foram o objecto dos seus ardentes disvelos.

Tal ardor não se arrefeceu jamais; antes e depois de sua ordenação, que teve logar em 1635, foi sempre o mesmo espirito curioso, o mesmo amigo do estudo, disposição que a propria grande velhice não conseguiu apagar.

Da referida primeira phase de sua existencia em nosso paiz, entre outros curiosos documentos do valor intellectual de Vieira, resta-nos o celebre sermão pregado em 1640, em prol das armas de Portugal e contra as victorias da Hollanda.

E' um dos discursos sagrados mais eloquentes que têm sido pronunciados em todas as linguas e em todos os tempos. O orador, deixando a rota batida, dirige-se directamente á divindade e a censura por permitir a victoria dos inimigos de nossa patria.

Como portuguez e catholico, como patriota e amigo do Brazil, o padre revela-se cheio de santa indignação.

E' uma oração memorável que deveis ler quando fôrdes homens, que vos tocará de certo o coração. O orador é tão claro que não receio agora e n'este livrinho repetir-vos algumas de suas palavras, que facilmente comprehendereis. O padre referia-se á perda do Brazil para os portuguezes e sua conquista pelos hollandezes, aquelles mesmos invasores que mais tarde foram repelidos, como já vistes, por Vidal de Negreiros e seus companheiros. O grande jesuita

disse assim: «Considerae, Deus meu, e perdoae-me si falo inconsideradamente. Considerae a quem tiraes ás terras do Brazil e a quem as daes. Tiraes estas terras aquelles mesmos portuguezes a quem escollhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores de vossa fé, e a quem destes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas.

«E será bem, supremo senhor e governador do universo, que ás sagradas quinas do Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda? .. Será bem que estas se vejam tremlar ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? E que fareis, ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta? ..

«Assim fostes servido que entrassemos n'estes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente; e assim permittis que saímos agora com tanta affronta e ignominia... Si esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue n'estas conquistas?

Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas hâbaixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes?

E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas das feras e monstros marinhos, que assim ganhamos, as hajamos de perder assim?»

Belas palavras em verdade estas; falam em favor da patria, o berço e o tumulo de nossos maiores, e tão sagradas cousas devem sempre ser objecto de nossa veneração.

Entretanto, novos trabalhos, novas lutas aguardavam o padre Vieira na Europa.

Em 1641 partia elle em companhia do jesuita Simão de Vasconcellos para Portugal a comprimentar o r. i. D. João IV pela restauração do throno de seus avós. A nossa metropole tinha estado sob o dominio da realesa hespanhola durante

sessenta annos. A final sacudira o jugo e recuperara o seu lugar entre as nações livres.

Em Lisboa o padre dedicou-se á preédica e por ella tornou-se logo immensamente conhecido e admirado. Um dos maiores entusiastas do seu talento revelou-se no proprio rei D. João IV. Chamou-o para seu conselho particular e desde então começou a accão politica de nosso heróe. Este não desmentiu n'esta nova esphera a força de sua intelligencia.

Concebeu e propagou ideias verdadeiramente superiores ao meio acanhado em que devia applical-as. Entre outras, é bastante lembrar-vos os esforços que empregou para a creacão de companhias de commercio portuguêzas que fossem aproveitar as riquezas do Oriente e do Brazil, fazendo forte concurrencia aos mercantes hollandezes; a reducção, e n'alguns casos a extincção, dos direitos do fisco; a ampla protecção e liberdade que se devia conceder aos israelitas existentes no reino em estímulo á utilisação de seus grandes capitais; a coerção aos exageros desmedidos da inquisição. Grande foi a coragem do jesuita, especialmente n'este ultimo ponto.

A inquisição nunca mais lh'o perdoou, e mais tarde, em asada occasião, encarcerou o. A restauração portugueza não se julgava segura; o governo hespanhol não a olhava sem grande despeito e a guerra entre os dois paizes foi-se prolongando e durou por cerca de dez annos

Portugal sentiu urgente necessidade de allianças na Europa, ou, pelo menos, pazes com todas as potencias para mais livremente resistir á Hespanha.

D'ahi o empenho especial que mostrou em obter as boas graças da França e fazer as pazes com a Hollanda com quem se achava desavinda por motivos oriundos da nefasta politica hespanhola. O padre Vieira tomou parte activa nos arranjos e manejos diplomaticos d'então junto aos governos de França e de Hollanda. Para nós brazileiros é agora que vae aparecer o unico acto imprudente, impolítico e precipitado d'este grande homem.

E' o caso que havendo, como já sabeis de sobra, os hollandezes em lucta com os hespanhóes, dos quaes se tinham heroicamente emancipado, invadido o nosso Pernambuco e capitâncias vizinhas, tendo Por-

tugal por sua vez sacudido o jugo hespanhol, nem por isso os invasores julgaram-se na obrigação de restituir as regiões conquistadas á colonia portugueza. O governo de D. João IV, longe de o exigir com as armas na mão, entrou em negociações com o governo hollandez para lhe entregar definitivamente as terras de que estava elle ainda de posse no Brazil e mais todas as que houvera d'antes possuido e perdêra diante da insurreição dos colonos. E tão revoltante crime do rei, que se reflecte como um estigma infamante por toda a casa de Bragança, tão aviltante traição não se levou á effeito, porque o povo soube salvar os seus direitos e conservar illesa a integridade da nossa patria. A revolução contra os hollandezes em Pernambuco tinha alastrado por todo o paiz conquistado, e foi aos poucos repellindo os invasores.

E, o que é ainda mais digno das eternas censuras da historia, já os sublevados tinham ganho as decisivas batalhas do monte das *Tabocas* e a primeira dos montes *Guararap-s*, quando ainda o rei de Portugal queria entregar aos Estados-geraes da Hollanda quatrocentas leguas de nossas costas sobre cem ou duzentos para o interior de nossa patria !....

Quem nos salvou foi o povo, o proprio povo brasileiro habitador das provincias conquistadas. E para honra da nação portugueza, cumpre dizer que tambem o povo da metropole indignou-se com a traição planejada pelo rei e os aulicos que o cercavam.

Ainda uma vez a plebe, contra o governo, salvou a honra da nação. Mas a historia cobre-se de luto ao pensar que o padre Vieira, um homem de superior talento, quasi um genio, foi do parecer do rei n'esse negocio!... E si o não excluimos da galeria dos nossos grandes homens, é porque, antes e depois d'este terrivel passo, elle nos prestou grandes servicos e sentiu bem amargamente o arrependimento de seu enorme erro.

Depois de viagens e negocios varios pela Europa, voltou em janeiro de 1653 ao Brazil com destino ao Maranhão.

Ahi entrou logo em lucta com os colonos e governadores por causa da liberdade dos indios que o padre defendia, e que elles atacavam. Estas luctas prolongaram-se por muito tempo e tomaram ca-

racter violento. O padre teve de voltar a Lisboa a pedir providencias ao rei em junho de 1654, tornando com elles ao Maranhão em maio de 1655.

Os colonos não se quizeram nunca dar por vencidos na sua grande cegueira e teima cruel em captivar os pobres indios.— Vieira a isso se oppoz tenazmente, no que aliás era acompanhado pela ordem de Jesus em geral.

A esse periodo pertencem sua viagem á tribu dos Nêengahibas de Marajó, que reduziu a amigos, e sua viagem ao Ceará, chegando até á serra de Ibiapaba. Grandes foram os riscos e fadigas n'estas jornadas. O padre foi sempre n'ellas como em toda a parte rigido de costumes, despidode avareza, caritativo e esmoler. No Maranhão passou sempre grandes penurias e dormia no chão em velha esteira de palha.

E costume, meus meninos, de certos historiadores, na mania de comparar cousas disparatadas, fazer o paralelo entre a accão dos jesuitas no seculo XVI e os seus actos no seculo XVII no Brazil : pôr Antonio Vieira diante de José de Anchieta. Dizem que houve mais dedicação e mais amor evangélico em os primeiros de que nos ultimos. Pode ser que assim fosse ; mas o que não se poderá com justiça esquecer é a diferença dos tempos e o maior accumulo e força das dificuldades. No seculo XVI na Bahia, no Rio ou em Piratininga a cobiça dos colonos não tinha alcançado o lastimoso exagero a que chegou no Maranhão e Pará no seculo seguinte.

Vieira foi um benemerito da liberdade e da consciencia em pugnar pelos infelizes caboclos. A politica do governo da metropole n'este negocio, como em muitos outros, foi vacillante e cavilosa. Ora inclinava-se para os padres, ora para os colonos. Os proprios padres foram muitas vezes forçados a ceder diante do despotismo dos captivadores. D'ahi a aleivosa insinuação d'algumas quando dizem que também mais de uma vez foram Vieira e seus companheiros favoraveis ao captiveiro dos selvagens. Não é esta a lição que sae dos documentos da historia. Foram sim, por vezes, obrigados a cumprir os iniquos regulamentos que a avareza dos colonos arrancava á fraqueza do governo do rei. Vieira procedeu em toda a lucta por amor dos indios n'altura de um espirito superior, sendo afinal preso em 1661 e remettido para Lisboa pela canalha amotinada.

O governo da metropole, ingrato e tacanho, prohibiu por lei especial sua volta áquella parte do Brazil. Na Europa durante o largo periodo de vinte annos (1661 a 1681) soffreu violento e injusto processo pela inquisição que chegou a metel-o nos seus carcereis. Foi á Roma, por esta razão, e seu talento de orador foi ali admirado.

Cansado de luctas e pretencões na Italia, tornou ao Brazil, indo residir na Bahia, onde morreu em 1697 com perto de noventa annos de idade dos quaes passou cincuenta em nossa terra. E' a figura mais alta da litteratura portugueza depois de Camões.

Foi seu contemporaneo o celebre e genial satirico *Gregorio de Mattos* 'uerra, de quem o proprio Vieira costumava dizer : « Devese mais ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira »

A população do Brazil no seculo XVII tinha por certo bem serias virtudes ; porque de outro modo não se concebe que houvesse expellido os hollandezes de quasi todo o norte ; de outro modo não teria feito frente muitas vezes a governadores ineptos e despoticos, como na memoravel revolta de Beckman no Maranhão ; de outro modo não estaria apta para ter já a consciencia de sua individualidades que devia accentuar-se logo nos primeiros annos do seculo seguinte nas celebres luctas entre nacionaes e europeus, possuia, dizemos nós, mui relevantes virtudes ; mas, por outro lado, estava eivada de vicios, e muito especialmente nas intituladas classes superiores. A cleresia, a chamada nobreza, os homens do governo, e mais ainda os clientes e ananiguados d'estes, eram de todo indisciplinados e cheios de gravissimos defeitos. D'ahi a oportunidade da mordacidade dos sermões de Vieira e dos versos de Gregorio de Mattos.

Mais tarde avaliareis, talvez, todo o valor d'este ultimo homem. Aqui vão apenas poucas palavras sobre elle. Nasceu na Bahia em 1623, segundo uns, em 1633, segundo outros. Estudou direito em Coimbra em meados do seculos XVII, e é bem caracteristico para nós brazileiros que já n'aquelle tempo se dissesse na terra classicia da intelligencia portugueza: « *Anda aqui um es tudante do Brasil tão refinado na satyra que com suas imagens e figururas parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo* ». Gregorio alliava ao talento artístico da poesia e da musica o talento serio

do legista. Occupou com a mais elevada distinção cargos de magistratura em Lisboa e na Bahia.

Aqui, de volta de sua estada no reino, foi que seu genio satyrico desencadeou-se e atacou, qual um flagello, os vicios da sociedade do tempo. O governador, o bispo, os conegos da Sé, os mercantes da praça, os fidalgos, todos em summa, todos os arrogantes e viciosos pagaram o seu tributo. Era a indignação do povo que falava pela bocca d'este homem ousado, pela consciencia d'esta alma limpa. Como seria facil prevêr a reacção não se fez esperar e vinganças vis foram tramadas contra o poeta.

Foi privado de todos os empregos, arredado da sua clientela de advogado; foi coagido a asylar-se pelo reencavao da Bahia como um foragido; foi deportado para Angola!...

A muito custo pôde mais tarde acoitarse em Pernambuco, onde as perseguições o acompanharam, até morrer, ao que se supõe, em 1696, um anno antes do padre Vieira, seu irmão em genio e seu companheiro na satyra. Os brazileiros devem imensa veneração ao grande poeta bahiano e ao grande orador sagrado.

SYLVIO ROMERO.

### A Nova Escola de Direito Criminal.

#### III

O celebre Enrico Ferri não sómente descobre leis como tambem inventa theorias.

Além da notável descoberta da lei da *saturação criminosa*, o celebrado professor de Bolonha, que na opinião do Sr. Dr. João Vieira é um dos maiores sabios da actualidade, teve a gloria da invención da *theoria dos substitutivos penas*, theoria engenhosa, que produzirá dentro de pouco tempo uma revolução no mundo científico como não foi dado á doutrina de Charles Darwin.

«Qui vivra verra!»

Não é ironia: o futuro pertence á sedutora *theoria dos substitutivos penas*, tal é o entusiasmo que no presente excita a prestigiosa doutrina, de que o Sr. Dr. João Vieira fez-se vulgarizador.

A phalange de adeptos «dentro e n pouco se tornará legião.»

Tão grande é o entusiasmo, de que

acha-se possuido o Sr. Dr. João Vieira pela doutrina dos *substitutivos penas* que, apezar de todas as decepcões sofridas com as suas traduções, o nosso professor não pôde «resistir ao desejo de traduzir um fragmento dessa nova doutrina.»

Eis o *fragmento*, para o qual o leitor deve prestar toda attenção, porque trata-se de ideias por cuja maior ou menor facilidade de adopção se pôde avaliar da maior ou menor capacidade dos individuos que as aceitam.

«Assim como, diz Ferri, na ordem económica, notava Minghetti, faltando o producto principal, se recorre aos succedâneos, que possam suprir-l-o na satisfação das necessidades naturaes; do mesmo modo na ordem juridico-criminal, amestrados pela experientia de que as penas fallham quasi totalmente ao escopo que se lhes attribue da defeza social, precisamos recorrer a outras providencias que possam substituir-as na satisfação da necessidade social da ordem.»

Como vê-se, até o ponto e virgula o *fragmento* de Ferri é nada mais nada menos do que a repetição por outras palavras do anexim popular — *quem não tem cachorro, caça com gato*; do ponto e virgula em diante equivale ao *truismo* — quem está convencido de que uma cousa não satisfaz as suas necessidades, precisa recorrer a outra que as satisfaça, o que é o mesmo que dizer: quem acha o gato insuficiente deve substituir-o pelo cachorro.

De maneira que neste ponto a *theoria dos substitutivos penas* pôde ser formulada nos seguintes termos:

Assim como quem não tem cachorro caça com gato; do mesmo modo quem acha o gato insuficiente deve substituir-o pelo cachorro.

Responda o leitor, que não faz questão de palavras, si é ou não isto mesmo «a nova theoria?»

Felizmente para maior gloria de Ferri, o seu admirador não se conteve, e deu mais de um *fragmento da theoria dos substitutivos penas*.

Mas si o primeiro *echantillon* da «nova theoria» brilha com todas as galas e esplendores de uma nova aurora, o segundo é um immenso thesouro de pensamentos cheios de luz.

Vou transcrevel-o como uma especie de bandeira, que deve reunir em torno de si

um grande numero de adeptos serios, de partidarios dedicados :

« D'aqui o conceito daquelles meios que eu chamei *substitutivos penas*. Com esta diferença, porém, que no campo economico os succedaneos não passam de productos secundarios e de uso transitorio, mas no campo criminal ao contrario os substitutivos penas devem tornar-se os primeiros e principaes meios daquella função social da ordem a que as penas hão de servir ainda, mas de modo secundario. »

Este fragmento está acima da comprehensão commun: n'elle ha *succedaneos* que « não passam de *productos secundarios* » e *substitutivos*, « que devem tornar-se os primeiros e principaes meios de funcções. »

Para bem comprehendender este « fragmento da nova theoria » é preciso combiná-lo com o primeiro. Então brilha a verdade com toda a luz.

O leitor lembra-se de que o primeiro *echantillon* até o ponto e virgula é nada mais nada menos do que a repetição do annexim popular — quem não tem cachorro, caça com gato, e do ponto e virgula em diante equivale ao *truismo* — quem acha o gato insufficiente deve substituir-o pelo cachorro.

Pois bem, combinando agora os dous fragmentos da *nova theoria*, vê-se que quando não se tem cachorro e se caça com gato, « os succedaneos não passam de productos secundarios » e quando se substitue o cachorro pelo gato, « os substitutivos devem tornar-se os primeiros e principaes meios de função. »

Decididamente a theoria dos *substitutivos penas* é a mais seductora e engenhosa das modernas doutrinas scientificas: é uma criação intellectual digna do genio de um Laplace ou de um Newton.

Ha um fragmento da theoria dos *substitutivos penas*, citado pelo Sr. Dr. João Vieira como excerpto, que deve dar ideia approximada da importancia da doutrina, no qual são tão palpaveis e chocantes as contradições que não se sabe o que mais admirar — si a ousadia do charlatão que procura enganar, ou si o desequilibrio de espirito capaz de produzir uma diatribe tão monstruosamente ridicula.

No mundo juridico só conheco de igual em insensatez ao professor de Bolonha o Sr. Dr. Sá e Benevides, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, que define o fim

do homem « o bem, o qual é agradavel, util, honesto, material, espiritual, temporal, eterno, natural, sobrenatural, universal, geral, particular, sensivel, abstracto, racional, objectivo, subjectivo, concreto, material e formal, espontaneo e livre, proximo, intermedio e supremo ou definitivo. »

Ferri é assim um amontoador de phrases, que se contradizem e se destroem umas ás outras.

« Até onde, diz elle, aquellas providencias poderem estender a sua efficacia preventiva, poderemos ficar certos de que os crimes não se commetterão; e neste sentido são antes verdadeiros *substitutivos* do que *cooperativos* das penas, como um meu critico benevolo tinha ao contrario opinado. Mas assim como nós sabemos que ha uma lei de *saturação criminosa* pela qual é *inevitavel em todo ambiente social um minimo de criminalidade* devido aos factores anthropologicos, physicos e tambem sociaes, porque a perfeição não caracterisa a vida humana, do mesmo modo para este minimo *as penas serão o ultimo e imprescindivel remedio*, ainda que pouco vantajoso, *contra as manifestações inevitaveis da actividade criminosa.* »

Mas si em virtude da lei de *saturação criminosa* ha um minimo de criminalidade, que é inevitavel em todo ambiente social, como é que as penas poderão ser o ultimo e imprescindivel remedio contra estas manifestações inevitaveis da actividade criminosa?

Entre os pensadores, entre os bemfeiteiros da humanidade que pensam e fazem pensar, ha personagens estranhos e grotescos, que se movem como jograes e que têm como norma de conducta a regra: — mais se é insensato e mais se parece sabio.

São os principes da tolice, em cujo numero está Ferri e toda a phalange de idiotas que o acompanham.

ARTHUR ORLANDO.

(Continua)

**Uma noite historica**

(DO ALTO DE UMA JANELLA DO LARGO DO PAÇO)

A's tres horas da madrugada do domingo, enquanto a cidade dormia, tranquilizada pela vigilancia tremenda do Governo Provisorio, foi o largo do Paço theatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circumstancias, que forçavam um procedimento energico para com os membros da dynastia dos principes do ex-imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital. A todas as portas do edificio principal, na manhã do sabbado e ás portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços, forão postadas sentinelas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do imperio e diversas familias, ligadas por approximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a falar ao Imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida.

A proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das imediações do palacio. As sentinelas foram reforçadas por uma linha de bayonetas, que a pequenos intervallos estendeu-se pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia, transformada em prisão do Estado.

Novas determinações, anunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda mais as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o trânsito pelas ruas que o rodeiam. A's onze horas, havia sentinelas até o meio da grande área comprehendida entre o portico do palacio e o cais. Por todas as imediações vagueavam soldados de cavallaria, empunhando clavinetes de coronha poussada ao joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinelas.

Um boato official, inspirado pela conve-

niencia do interesse publico, espalhára a noticia de que o Sr. D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para Europa, em consequencia da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A polícia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sabbado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta. Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março.

De 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavallaria começaram a dispersar os ajuntamentos.

Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, senão beirando rentinho ao cais. Depois da ultima barca, o transito foi absolutamente impedido. Tambem os mais renitentes curiosos tornaram-se muitaros, mesmo nas proximidades do largo sitiado.

Um grande socgo, com uma nota accentuada de panico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a physionomia do momento, circulavam nessa hora as notícias de um conflito entre marinheiros e praças do exercito, havendo troca de tiros. Apezar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apezar da completa abstenção de actos de violencia que têm caracterizado o sistema policial, energico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisorio, sentia-se alli como que uma atmosphera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada, respirassem a presença de uma realidade formidavel. Sentia-se todo aquelle immenso ermo ocupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céo tristissimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparências pallidas.

De vez em quando, das perspectivas de sombra, sahia um rumor de vozes abafadas, logo feitas silencio; de vez em quando, um rumor seco de bainhas de folha contra esporas e um estrepito de patas de cavallo, escarvando o calcamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo

o consentimento da polícia, tinham conseguido occultar-se em diversos sítios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-imperador. Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relogios das torres, e nada de novo, dos lados do paço, viera agitar o solemne socego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar Dahisára repentinamente um grito de alarme.

A notícia divulgada, de assaltos prováveis de gente da arma contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o céus como uma muralha preta, furada apenas pela linha de pontos lúcidos da iluminação de Nitherohy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve um tropel de cavalos, e logo uma, duas, outra, outra, muitas detonações de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo, que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda, fora preso. Escapando ás mãos da patrulha de infantaria que o prendera, tinha se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a esino para assusta-lo, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegaram de novo o evadido. Logo em seguida foi visto o preso passar, á luz dos lampeões, empurrado por guardas.

Houve quem supusesse, que os tiros foram um signal. Com efeito, tal qual se assim fosse, ouviu-se, pouco depois, no meio das trevas da bahia, o rebate chocalhado da hélice de uma lancha a vapor. Uma pequena luz vermelha estrellou-se no escuro, diante do céus, e, ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da hélice, com duas pancadas de um tympano de bordo e a passagem de uma rápida sombra fluctuante sobre a sombra inquieta das águas.

—É a lancha do imperador! pensaram os que viam, com a impressão natural que devia provocar aquelle anuncio da iminência de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarca de posto, a ansiedade de perceber o movi-

mento significativo, no portão do paço, prolongou indefinidamente a duração desta expectativa. O profundo silêncio do lugar pareceu fazer-se maior, nessa ocasião, como se a noite comprehendesse que se hia, ali mesmo, em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquilidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder de freios dos corceis da cavallaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela iluminação urbana, as casas ao redor do largo, os edifícios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janellas, a não ser nos últimos andares de uma casa de saúde.

Apezar disso, que se acreditaria indicar a completa ausência de espectadores para a scena que se ia passar, algumas janellas abertas apareciam como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros....

Pobre D. Pedro! Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminação de um soberano.

Às tres horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço houve um ruidoso tumulto de armas e cavalos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a ocupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, iluminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lâmpados de gaz.

Appareceu, então, o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por douis cavalos, que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste veículo. Fechando a marcha, um grupo de cavalleiros, que a perspectiva nocturna detinha em negro perfil. Divisavam-se vagamente, sobre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavallaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do céus Pharoux. Ao approximar-se do céus, apresentaram-se alguns militares a cavalo, que formaram em caminho.

—E aqui o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos

militares. O cavalleiro, que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação do corpo.

Por meio dos lampões que ladeiam a entrada do molhe, passaram as senhoras. Segui-as o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcantara apeiou-se—um vulto indistinto, entre outros vultos distantes—para pisar pela ultima vez a terra da patria.

Do posto de observação em que nos achávamos, com a dificuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a scena do embarque.

Foi rapido, entretanto. Dentro de poucos minutos, ouvia-se um ligeiro apito, echoava no mar o rumor igual da helice da lancha; reaparecia o clarão da iluminação interior do barco; e, sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido da helice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

20 de Novembro.

RAUL POMPÉA.

### Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

que o castigo será muito vivamente sentido, que a creança perceberá claramente o encanteamento da causa para o effeito, reconhecendo que o seu desleixo é a origem da privação que experimenta. E vendo isto, não se julgará victima d'uma injustiça, como succederia se não existisse a evidente união entre a transgressão e o castigo que se lhe segue.

Ainda mais o natural dos paes e das creanças é muito menos sujeito a alterar-se sob a accão d'este sistema do que sob o sistema ordinario. Quando, em vez de deixar as creanças experimentar os resultados penosos que seguem naturalmente a má conducta, os mesmos paes lhes infligem elles proprios outros castigos, produzem um duplo mal. Viste que identifi-

caram a sua auctoridade e a sua dignidade com a sustentação de numerosas leis domesticas que instituiram, toda a transgressão se torna uma offensa para com elles e uma causa de colera da sua parte. E acrecente se a isto o vexame que se impõem, encarregando-se, sob a forma de trabalho ou despeza supplementares das consequencias más que deviam ter cahido sobre os seus delinquentes. O mesmo succede ás creanças. Os castigos que as reacções naturaes produzem, os castigos que lhes são infligidos pelos agentes impessoas, não produzem mais do que uma irritação comparativamente fraca e passageira; enquanto que os castigos voluntariamente infligidos pelos paes e os quaes só recordam como obra d'estes, produzem uma irritação conjuntamente maior e mais duradoura. Vede quantos resultados desastrosos produziriam, se lhes applicassem este metodo empirico desde o principio da educação! Suponde que era possível aos paes encarregarem-se dos soffrimentos physicos que as creanças se causam a si proprios por ignorancia ou negligencia e que, durante que supportavam estas más consequencias, infligiam a seus filhos alguma correccão, destinada a ensinar-lhes que procediam mal; suponde que, logo que se prohibiu a uma creança o tocar numa cafeteira e que ella, apesar d'esta proibição, entorna a agua a ferver sobre os seus pés, a mãe pôde receber por el'a a queimadura substituindo-a por um sóco e o assim nos demais casos: estes accidentes diarios não se tornariam acaso a fonte de muita mais irritação do que hoje succede? O mau humor não seria por ventura chronico de ambos os lados? Todavia é exactamente a politica que mais tarde se adopta. Um pai que bate no filho porque este, por descuido ou malvadez, quebrou o brinquedo da irmã, e que de seguida compra a esta um outro brinquedo, este pai faz exactamente o que nós acabamos de expor: inflige um castigo artificial ao transgressor e soffre por este o castigo natural da transgressão, o que exaspera ao mesmo tempo e sem necessidade os seus proprios sentimentos e os do transgressor. Se elle exigisse simplesmente um acto de restituicão, causaria muito menos desgosto. Se dissesse ao filho que devia comprar á sua custa um novo brinquedo a sua irmã, e que para este fim lhe tirasse o dinheir ue tinha no bolso até perfazer a somma

necessaria, haveria muito menos irritação de ambos os lados; e ao mesmo tempo a creança soffreria uma consequencia equitativa e salutar. Finalmente o sistema de disciplina pelas reacções naturaes é o menos prejudicial ao carácter; em primeiro logar porque reconhece se imediatamente que é o da pura justiça; em seguida porque é accão im pessoal da natureza que se põe em jogo, em vez da accão pessoal dos paes.

Surge por fim este corollario evidente, que por este sistema as relações entre os paes e os filhos serão mais affectuosas, e por conseguinte a influencia sobre elles tornar-se-ha mais proficia. A cholera dos paes ou dos filhos, de qualquer causa que provenha e tome a forma que tomar, é sempre desastrosa. Mas a colera de um pae contra seu filho e d'um filho contra seu pae, é-o duplamente, porque enfraquece esse laço de sympathia que é necessaria a todo o governo benefico. Em virtude da lei das associações de ideias, sucede inevitavelmente, nos velhos e nas creanças, que se toma aversão pelas cousas que se nos apresentam habitualmente acompanhadas de sentimentos desagradáveis. E onde a affeção existia originariamente, sobrevem o resfriamento e a aversão na proporção da força e da frequencia das impressões recebidas. A colera paterna, que se exprime pelas reprehensões e castigos, não pôde deixar de produzir, repetindo-se muitas vezes, o resfriamento na creança, em quanto que o ressentimento e a grosseria da creança pelo seu lado não podem deixar de enfraquecer a affeção que inspira, e até por fim destruirl-a. E' por isso que tão frequentemente sucede os paes (e particularmente os paes attreitos em geral á applicação do castigo) serem vistos com indifferença e até com aversão; e d'aqui provém também que as creanças muitas vezes são consideradas como flagelos. Como, porém, é visivel que um afastamento d'esta natureza é fatal a toda a boa educação moral, segue-se que não se pôde ser muito sollicito em evitar as ocasiões d'um antagonismo directo dos paes e dos filhos. Por conseguinte os primeiros têm o maior interesse em substituir a disciplina dos castigos arbitrarios pelas consequencias naturaes que evitam a exasperacão e a antipathia.

O sistema de educação moral pe'a experiença das reacções naturaes, sistema superiormente applicado à primeira infan-

cia e á vida adulta, épois, vemol-o, egualmente applicavel ao periodo da segunda infancia e da juventude. Entre as vantagens que offerece este sistema nós vemos: em primeiro logar que elle ministra ao espirito, em materia de conducta, essa noção justa do bem e do mal que resulta da experiença dos effeitos bons ou maus; em segundo logar, que a creança, não experimentando mais do que as consequencias penosas das suas accões, deve reconhecer mais ou menos claramente a justiça da penalidade: em terceiro logar, sendo reconhecida a justiça do castigo e sendo este applicado pelas mãos da natureza e não pelas d'um individuo, a creança experimenta d'esta forma menos irritação; em quanto que o pae, não fazendo mais do que preencher o dever, comparativamente passivo, que consiste em deixar que o castigo sobrevenha pelas vias naturaes, conserva uma placidez relativa; em quarto logar, sendo d'este modo prevista a exasperação mutua, as relações mais doces, mais fecundas em boas influencias existem entre os paes e os filhos.

«Mas o que é que se deve fazer em casos mais graves? Como poderá seguir-se este plano quando a creança tiver commettido um pequeno farto? quando tiver pregado uma mentira? quando bater em seu irmão ou irmã mais novos?»

Antes de responder a estas questões examinemos o alcance de alguns factos que tomamos como exemplos.

Um amigo nosso, vivendo na familia do, cunhado emprehendeu a educação de seus sobrinho e sobrinha. Dirigira-os mais talvez por sympathia natural do que por calculo, segundo o methodo que acabamos de expor. As duas creanças eram seus alumnos em casa e seus companheiros fóra de casa. Todos os dias passeiavam e faziam excursões para herboristar, procurandolhes plantas com ardor, vendo como elle as classificava, e por todas as formas gozavam e aproveitavam na sua companhia. Numa palavra, sob o ponto de vista moral, elle era verdadeiramente o pae. Relatando-nos os resultados do seu methodo de educação, citou-nos entre outros exemplos o facto seguinte: Um dia, necessitando d'um objecto que estava no outro extremo da casa, disse a seu sobrinho que lh' o fosse buscar. A creança, que estava influida a brincar, contrariamente ao costume mostrou grande repugnancia em fazel-o, ou recusou até

ir, se bem nos lembra. O tio, inimigo de todo o meio coercitivo, levantou-se e foi elle proprio procurar o objecto, deixando ver sómente no semblante, o desgosto que este procedimento lhe causava. E quando, á tarde, a creança propôz o jogo com que costumava distrahir-se, o tio recusou simplesmente e com a frieza que ella naturalmente percebia, deixando por este modo deduzir-se a consequencia verdadeira do que a creança havia feito. No dia seguinte, de manhã, á hora de se levantar, o nosso amigo ouviu á porta do seu quarto uma voz que não costumava ouvir a essa hora. Era seu sobrinho que lhe levava agua quente. Olhando em volta do quarto, a creança indagou o que é que podia ainda fazer, e exclamou: «Oh! não tendes ainda as botas!» correndo para a escada afim de ir buscal-as. D'este modo e de muitos outros manifestou um verdadeiro arrependimento da sua conducta. Procurava compensar a sua recusa ao serviço com serviços desusados. Os seus bons sentimentos tinham verdadeiramente triumphado dos maus; a victoria dera-lhes uma nova força; e sentindo a perda da affeção do tio, apreciava a muito mais depois de a ter readquirido.

Por seu turno o nosso dito amigo é hoje pae, segue o mesmo systema e declara que se dá bem com elle. Torna-se completamente amigo dos seus filhos. Estes esperam com impaciencia a tarde, porque é a hora em que estará em casa; e se brincam ao domingo, é principalmente porque seu pae passa esse dia inteiro com elles. De posse d'esta plena confiança e de toda a affeção de seus filhos, a expressão da sua approvação ou da sua desapprovação dá-lhe um meio efficaz de governo. Se, ao entrar em casa, sabe que um dos seus filhos foi mau, procede para com elle com a frieza que a conducta da creança naturalmente lhe inspira; e isto é sempre um sufficiente castigo. A simples abstenção de caricias é uma origem de desgosto e de lagrimas, mais duradouras do que o seriam as pancadas. E asseguram-nos que, na sua ausencia, as creanças têm sempre receio d'este acolhimento presente na memoria: por fórmula que perguntam frequentemente á mãe, se elles não se têm portado bem, para que esta o confirme ao papá quando chegar. Ultimamente, o pequenito mais velho, turbulento, com cinco annos, numa d'estas effervescencias da vida, communs nas creanças saudaveis, na ausencia da mãe praticou muitos desatinos;

cortou alguns cabellos ao irmão e feriu-se com uma thesoura que tirou do toucador do pae. Ao entrar, quando este soube d'isto, não dirigi a palavra ao pequeno durante toda a noite e manhã do dia seguinte. Além do desgosto que naquella occasião soffreu o effeito d'esta maneira de proceder foi tal que, passados dias, vendo a mãe prompta para sahir, a creança pediu-lhe que ficasse; e confessou que tinha receio de fazer ainda alguns desatinos durante a ausencia da mãe.

Referimos estes factos antes de responder á questão: « O que é que se deve fazer em casos mais graves? » afim de provarmos em primeiro logar quaes são as relações que podem e que devem existir entre paes e filhos; porque é da existencia d'estas relações que depende o bom resultado na repressão das faltas graves. Devemos agora demonstrar ainda que estas relações se estabelecerão pela adopção do systema que temos recomendado. Já fizemos ver que deixando simplesmente experimentar á creança as reacções penosas dos seus maus actos, os paes não terão de soffrer antagonismo algum com elles, nem correrão o inconveniente de serem olhados como inimigos; mas resta fazer ver que sempre que o systema foi bem seguido desde o principio, nasceu um sentimento activo de affeção.

Hoje os paes e as mães são, na maior parte dos casos, considerados pelos seus filhos como *amigos inimigos* (1). As impressões da creança sendo inevitavelmente determinadas pelo tractamento que experimenta, e sendo este tractamento um mixto continuo de seduções e de ameaças, de caricias e de reprehensões, de docura e de severidade, origina-se necessariamente no seu cerebro um conflicto de ideias sobre o carácter paterno. Uma mãe julga geralmente que basta dizer a seu filho que ella é a sua melhor amiga, e persuadida de que elle a deve acreditar, julgou que de facto assim o acrdita. « E' para o teu bem, lhe diz ella. Eu sei melhor do que tu o que te convém. Tu não tens bastante idade para o comprehender já, mas agradecer-me-has mais tarde o que hoje faço». Estas asserções e outras similares são sempre muito repetidas. Durante este tempo a creança

HERBERT SPENCER.

(Continua).

(1) FRIEND-ENMIS, no texto inglez.

# Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE NOVEMBRO DE 1889 — BOLETIM XXI

**AVISO.** — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

## Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

### LIVROS

- 255—CARLOS DA LUZ, Estudo sobre as polvoras de guerra antigas e modernas.  
256—COMMEMORAÇÃO do centenario de Claudio Manuel da Costa, publicação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (?)  
257—ESTATUTOS da Escola de pharmacia de Ouro Preto (?)  
258—FREITAS FRANKLIN, Seccas do Ceará (?)  
259—GAMA e COSTA, Discursos do ex-deputado do 4.º distrito (?)  
260—GUIA do Immigrante no imperio do Brazil, publicada pelo Banco Colonizador (?)  
261—JASPER HARBEN, These de concurso para o provimento de lugar de substituto da Cadeira de Inglez no Collegio D. Pedro II (?)  
262—JOÃO DE LERI, Historia de uma feita a terra do Brazil, traduçāo de Tristão de Alencar Araripe (?)  
263—MARQUES DE SOUSA, A estrada de ferro interoceânica Brazil-Central, por Collatino Marques de Sousa e engenheiro Collatino Marques de Sousa Filho (?)  
264—PEDRO FIALHO, Toxemias cirúrgicas (?)  
265—URIAS DA SILVEIRA, A molestia e o remedio (?)

### MUSICAS

Sem contestação nenhuma a casa *Ao Lambary*, á travessa de S. Francisco de Paula, 22-A, é o Olympo musical da república brazileira. As suas publicações registram-se como sucessos no gênero.

As ultimas que recebemos:

VOLTAMOS DE MATTO GROSSO, polka de Tristão dos Santos. Toda cheia de actualidade, depois do dia 15. Já está consagrada por um cento de pianos.

ALCESTE, polka de Luiz Pedroza. Dizem que faz dançar a um paralyticó e *io lo creo*.

HERONDINA, valsa de J. de Christo. É com certeza uma das melhores composições do auctor. Bastante facil e muito melodica.

NAZARETH, polka pelo dito. O Ernesto... que havemos de dizer do Ernesto, tão popular hoje desde o Cajú a Copacabana?

Não temos remedios senão mais uma vez recommendar ás leitoras que deixem de ir ao *Ao Lambary* (travessa de S Francisco de Paula, 22-A) são capazes de arruinar irmãos, maridos e parentela toda, alem de escangalharem com toda a docura as orelhas da humanidade. Não vão lá, minhas senhoras.

### Na vitrine da livraria clásica de Alves & Companhia acham-se expostos os seguintes livros novos:

- Les theories et les notations de la chimie moderne par Antoine de Saporta.  
Traité pratique des accouchements par A. Charpentier. Vol. 1.º  
Pathologie comparée de l'homme et des êtres organisés par le Dr. A. Bordier.  
Leçons cliniques sur les maladies des voies urinaires par Sir Henry Thompson  
La france préhistorique par E. Cartailhac.  
L'homme de génie par Cezare Lombroso.  
Travaux d'obstétrique et de gynécologie précédés d'éléments de pratique obstétricale par M. le professeur Pajot.  
Mémoires et observations d'ophthalmologie pratique par le Dr. H. Armaignac.  
Traité de chirurgie clinique par P. Tilau, 2 vols.  
Traité de pharmacologie, de thérapie et de matière medical, par L. Brunton.  
Solution du problème de la suggestion hypnotique par Amédée. H. Simonin.  
Thérapie des maladies infectieuses par Ch. Bouchard.

## LIVROS

A VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

## 41 Rua Gonçalves Dias 41

<i>Emile de Laveleye</i> —L'instruction du peuple, 1 vol. enc. (raro)	6\$000
<i>Discussions du congrès de l'enseignement, Bruxelles 1880</i> , 1 vol. enc.	5\$000
<i>Manuel général de l'instruction primaire</i> , 1 vol. enc.	3\$000
<i>Ro lin</i> —Traité des études, 1 vol. enc	3\$000
<i>Enseignement supérieur (Etudes 1879-1880)</i> , 2 vols. enc.	6\$000
<i>Gabriel Compayre</i> —Doctrines de l'éducation en France, 2 vols. encs.	5\$000
<i>Bernardo Perez</i> —L'enfant de trois a sept ans, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Pape Carpentier</i> —Enseignement pratique, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Bernard Perez</i> —L'éducation dès le berceau, 1 vol. enc.	2\$5000
<i>Ligue de l'enseignement</i> —L'école modèle, 1 vol. enc.	2\$000
<i>Delon</i> —Exercices et travaux pour les enfants, com gravuras, 1 vol. enc.	3\$000
<i>Barrau</i> —Du rôle de la famille dans l'éducation, 1 vol. enc.	2\$500
<i>Goldammer</i> —Les dons du jardin des enfants, com gravuras, 1 vol. enc	3\$000
<i>Deltour</i> —L'enseignement secondaire classique, 1 vol. enc.	2\$000
<i>Collineau</i> —La gymnastique, 1 vol. enc. com gravuras	4\$000
<i>Ditte</i> —Histoire de l'éducation et de l'instruction, 1 vol. enc.	2\$000
<i>Ruy Barbosa</i> —Primeiras lições de coisas traduzidas de Catkins, 1 vol. com gravuras	3\$000
<i>Rousselot</i> —L'éducation des femmes en France, 2 vols. encs.	2\$000
<i>Bagiaux</i> —Devoirs d'ecoliers français, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Balland</i> —La parole, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Bourgeois</i> —Hygiène et education, 1 volume enc.	1\$500
<i>Buisson</i> —L'homme, la famille et la société, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Bautain</i> —Art de parler en public, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Cochin</i> —Pestalossi-sa vie et ses œuvres, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Chalamet</i> —L'école maternelle, 1 volume enc.	1\$500

<i>Compairé</i> —Cours de pedagogie, 1 volum enc.	1\$500
<i>Dumouchel</i> —Leçons de pedagogie, 1 volum enc.	1\$500
<i>Dessoye</i> —La ligue de l'enseignement, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Ferneuil</i> —La réforme de l'enseignement public, 1. vol. enc.	1\$500
<i>Guilly</i> —La nature et la morale, 1 volume enc.	1\$500
<i>Larcher</i> - L'éducation des filles, 1. volume enc.	1\$500
<i>Hippeau</i> —L'instruction publique en Allemagne, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Hippeau</i> —L'instruction publique em Italie, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Hippeau</i> —L'instruction publique aux Estados Unidos, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Hippeau</i> —L'instruction publique en Angleterre, 1 vol. enc	1\$500
<i>Legouvé</i> —L'art de la lecture, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Mariotti</i> —Conferences de pédagogie, 1 vol. enc	1\$500
<i>Morssac</i> — La ligue de l'enseignement, 1' vol. enc.	1\$500
<i>Nettement</i> —De la seconde education des filles, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Noël</i> —Au tour du foyer, 1 vol. enc	1\$500
<i>Pau lo Bert</i> —L'enseignement primaire, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Pestalossi</i> —Comment Gertrude instruit ses enfants, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Pécaut</i> —L'éducation nationale, 1 volume enc.	1\$500
<i>Passy</i> —L'enseignement obligatoire, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Robin</i> —L'instruction et l'éducation, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Rousselot</i> —Pédagogie a l'usage de l'enseignement primaire, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Riant</i> —L'hygiène et l'éducation dans les internats, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Valtery-Radot</i> —L'étudiant d'aujourd'hui, 1 vol. enc	1\$500
<i>Jules Simon</i> —L'école, 1 vol. enc.	1\$500
<i>Vincent</i> —Cours de pedagogie, 1 volume enc.	1\$500

Grande quantidade de brochuras, sobre o mesmo assumpto na livraria do Centro Bibliographico.

41, Rua Gonçalves Dias, 41.

A<sup>1</sup> VENDA NA  
LIVRARIA CLASSICA  
DE  
ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

*Geographia geral*, (curso) pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. cart 3\$000

*Geographia-Atlas*, contendo oito mappas seguida a um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosinographia, dedicado a infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. obl. 1\$000

*Geographia geral do Brazil*, por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente augmentada, por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. cart. 2\$500

*Geographia da província do Rio Grande do Sul*, adornada com mappas coloridos, por Hilário Ribeiro, 1 vol. cart. 2\$000

*Noções de geographia geral*, pelo Dr. Moreira Pinto, segunda edição, muito melhorada, 1 vol. com illostrações. 1\$000

*O Brazil em 1889—Geographia das províncias do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada em diversas exposições, terceira edição, muito augmentada e ornada de gravuras. Adoptada na Escola Normal da Corte, na Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 3\$000

*Chorographia do Brazil* (Rudimentos), para as escolas primarias, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

*Noções de historia universal*, adoptada ao ultimo programma, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição, 1 vol. 2\$000

*Epitome da historia do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 2<sup>a</sup> edição illustrada. 1\$000

*Historia antiga do Oriente*, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 1\$500

*Historia da Grecia e de Roma*, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 2\$000

*Historia universal* (noções summarias) por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. cart. 5\$000

*Hi-torta universal* (rudimentos), tradução de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. cart. 2\$000

*Lições da Historia do Brazil*, adoptadas á leitura das escolas por Antonio Alvares Pereira Coruja—membro do instituto historico e Geographico Brazileiro, nova edição

com alguns augmentos e correções, 1 vol, in-16 enc. 2\$000

*Novo methodo pratico e facil*, para aprender-se a lingua francesa com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

*Grammatica Franceza*, por Lhomond 1\$000

*Fables de Lafontaine*, choisies et annotés, 1 vol. enc. \$500

*Beautés de Chateaubriand*, ou morceaux choisis des Martyrs et du Génie du Christianisme suivis des beauté du Théâtre Classique Français 3\$000

*Novo methodo pratico e facil* para aprender a lingua ingleza com muita rapidez, Dr. pelo F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros, por F. de Oliveira, 1 vol, 1\$500

*Grammatica practica da lingua ingleza*, pelo Dr. F. da Motta Setima edição, 1 vol. in-12 5\$000

*Novo methodo pratico e facil*, para aprender a lingua ingleza, por Graeser, segundo os principios de F. Ahn, modificado e adaptado a lingua ingleza, por Pacheco Junior, 1 vol. in-12, 3. edição cart. 1\$500

*Nova grammatica theorica e practica da lingua ingleza*, segundo o methodo de Otto, 1 vol. in-16 (em preparação) \$

*Novo methodo pratico e facil*, para aprender-se a lingua italiana com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brazileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

*Guia de conversação*, em italiano e portuguez, por Alberto de Gervais, 1 vol. cart. 1\$000

*Novo methodo pratico e facil*, para aprender a lingua allemã com muita rapidez e facilidade segundo os principios do Dr. F. Ahn, por Hugo A. Gruber. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 1\$500

*Grammatica allemã*, por E. Otto, adoptada ao programma de exames e premiada com um diploma de 2<sup>a</sup> classe na exposição de objectos escolares em 1888, por A. Neumann, 1 vol. 4\$000

*Conversação nas linguas portugueza, ingleza, francesa e allemã*, por Freese, 1 volume 1\$000

*Arte versificatoria* da lingua latina, por Joaquim José de Mendonça Silveira, 1 volume 1\$000

*Lições de chimica geral*, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 4\$000

*Tratado de metodologia*, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. 2\$000